

TEATRO DE DANÇA DE SÃO PAULO CONSEGUE ESPETÁCULO ENVOLVENTE*

Tomas Ribas

Apesar deste “viver de costas viradas” que tão incompreensivelmente caracteriza as relações e os contatos artísticos e culturais entre o Brasil e Portugal, a fama e os méritos de Célia Gouvêa, bailarina e coreógrafa, e a alta qualidade do Teatro de Dança de São Paulo não nos eram desconhecidos. Tal fama, tais méritos e tal qualidade foram-nos agora revelados inteiramente com a peça-bailado “Assim Seja?” agora apresentada por aquela companhia no âmbito da Mostra de Dança Brasileira Contemporânea.

Célia Gouvêa é uma excelente bailarina-atriz e uma coreógrafa de real talento; como bailarina, atriz e coreógrafa revela imediatamente a sólida formação técnica e artística feita no Mudra, junto de Maurice Béjart, na Bélgica, junto de Alwin Nikolais, nos EUA, e também de Maurice Vaneau, uma das mais prestigiadas personalidades do mundo teatral brasileiro, um verdadeiro homem do espetáculo já que se impôs como encenador, ator, diretor teatral, mímico, figurinista, cenógrafo e iluminador.

Para além disso, Célia Gouvêa revelou-se igualmente conhecedora da linguagem expressionista (ou melhor: neo-expressionista na evolução das ideias de Mary Wigman e Kurt Jooss), do ideário de Martha Graham desenvolvido pelos coreógrafos pós-modernistas norte-americanos e, até, conhecedora de alguns aspectos do “teatro de crueldade” de Artaud.

Talentosa, culta e inteligente como é não espanta que, ao lado de Maurice Vaneau e, também, esporadicamente de Naum Alves de Sousa, tenha conseguido impor-se através de uma série de obras (em que se destacam Caminhada e Nijinsk), que lhe mereceram inúmeros prêmios. Igualmente muito premiado com espetáculos por si dirigidos tem sido Maurice Vaneau que, em 1974, com Célia Gouvêa fundou o Teatro de Dança de São Paulo, companhia que, segundo o que nos últimos anos é do nosso conhecimento, é das mais representativas e prestigiadas no meio da vanguarda brasileira.

ENVOLVENTE FUSÃO RITUALISTA

“Assim Seja?” (coreografia e concepção de Célia Gouvêa, música de Pierre Henry – a célebre Messe de Liverpool – misturada em colagens com temas e ritmos afro-brasileiros) é uma impressionante obra do moderno teatro/dança que, nas suas seis partes (Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus, Agnus Dei e Comunhão) faz uma harmoniosa e envolvente fusão ritualista: o ritual litúrgico da missa católica com o ritual mágico do mundo africano e com laivos de ritual esotérico. Como Maurice Béjart preconiza, aqui a dança e o teatro regressam à sua essência ritualista. E quem duvidará que as verdadeiras e grandes obras dramáticas e coreográficas são aquelas que, de uma forma ou de outra, vão explorar a essência ritualista do teatro e da dança?

* In: **A Capital**, Lisboa/Portugal, p. [?], 14 mar. 1988 .

Como se lê no programa, “Assim Seja?” trata da dualidade entre resignação e revolta vivenciados por um povo oprimido e é “uma espécie de viagem ao inferno”. Sem dúvida que Célia Gouvêa consegue esse clima ritualístico pretendido através de sugestões de “alguns paralelos entre céu e terra, ou graça e miséria”... Apesar de uma dada prolixidade discursiva e de – quanto a nós e é uma impressão muito pessoal – uma não total assimilação pessoal de linguagens alheias. Digamos que preferiríamos descobrir na linguagem gestual e coreográfica de Célia Gouvêa a sua autêntica personalidade desenvolvida mediante aquilo que terá descoberto (mas não assimilado) nas linguagens dos dois grandes mestres com quem se formou e de outros que terá descoberto ao longo da sua formação artística e humanística.

Apesar disso, a bailarina-atriz e coreógrafa que Célia Gouvêa é consegue com inegável brilhantismo, talento e força “desenvolver uma linguagem multidisciplinar, aliando a dança à mímica, sons e ruídos”. Evocação trágica de um povo oprimido (de um povo ou de toda humanidade?), de um grupo de alienados, de um grupo de que por necessidade se deixam arrastar pelo esoterismo ou somente evocação trágica (e sem portas de saída) do mundo asfixiante em que vivemos, “Assim Seja?” é, sobretudo, uma reinterpretação (algo frustrante) da realidade humana. Decepcionante? Acabrunhante? Frustrante? Sem dúvida!

O excelente elenco do Teatro de Dança de São Paulo – Célia Gouvêa, Glória, Reginaldo Dutra Jr., Paulo Borges, Monica Monteiro, Brasília Botetho, Gabriela Rodela, João Sena, Márcia Mendes, Rose Akras, Suzy Schonberger e Zé Índio – denunciou o seu excelente domínio corporal e gestual (mímico) e a sua musicalidade contribuindo para o impacto que, por vezes, a obra nos causa.

E a mão inteligente e sábia de Maurice Vaneau, não direção, esteve presente ao longo do espetáculo.